

FLUTUAÇÕES DE SENTIDO DA PALAVRA “OCUPAÇÃO”

VARIATIONS OF SENSE OF THE WORD “OCCUPATION”

Isabel Fernandes
USP

Resumo: Este artigo relaciona as ideias de Bourdieu e dos autores do Círculo de Bakhtin aos discursos publicados em meios informativos digitais sobre a paralisação realizada pelos estudantes da Universidade de São Paulo (USP) entre os meses de maio e junho de 2016. A análise se concentrou nos sentidos da palavra “ocupação”, presente em notícias publicadas em portais e edições online de jornais, observada por meio dos conceitos de signo ideológico (Círculo de Bakhtin), campo e capital (Bourdieu). É possível aproximar essas reflexões sobre linguagem e sociedade do pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para quem os condicionamentos materiais e simbólicos agem sobre a sociedade em uma relação de interdependência. Na concepção de Bourdieu, as ideias são dependentes da sua condição de produção assim como na visão de Bakhtin e dos autores do Círculo. **Palavras-chave:** ocupação; signo ideológico; campo; capital.

Abstract: This article relates the ideas of Bourdieu and the Bakhtin Circle to the discourses published in digital news media about the strike carried out by students from the University of São Paulo (USP) between the months of May and June 2016. The analysis is focused on the meanings of the word «occupation» in this news published on portals and online editions of newspapers, seen through the concepts of ideological sign (Circle of Bakhtin), field and capital (Bourdieu). It is possible to bring these reflections on language and society thought of the French sociologist Pierre Bourdieu, for whom the material and symbolic constraints act on society in an interdependent relationship. In designing of Bourdieu, ideas are dependent on the production condition as well as to Bakhtin and the Circle authors.

Keywords: occupation; ideological sign; field; capital.

Introdução

A reflexão desenvolvida pelos filósofos da linguagem do Círculo de Bakhtin é uma importante referência para os estudos linguísticos sobre os processos de constituição de enunciados na sociedade. Um dos principais conceitos propostos pelo grupo, o do signo ideológico, fundamenta-se nas relações entre as formas assumidas pela produção material e ideias e sentidos em circulação na sociedade.

O Círculo de Bakhtin foi um grupo formado por pensadores de áreas do conhecimento tão diversas como filosofia, linguística, crítica literária, filologia, que produziu uma obra vasta e rica do início do século XX até meados dos anos 1970 na Rússia. Desse grupo, participaram Mikhail Bakhtin, Pável Medviédev, Valentin Volochinov, Matvei Kagan, entre outros intelectuais.

A produção de Bakhtin e do Círculo foi se constituindo ao longo desse período em torno da formulação de conceitos fundamentais: ato ético, ideologia, discurso, enunciado, enunciado concreto, dialogismo, esfera, gênero do discurso, autoria, estilo. É importante observar que “no conjunto dos estudos do Círculo, nenhum conceito significa isoladamente. Todos os termos – científicos, filosóficos, linguísticos, enunciativos, discursivos – ganham corpo na articulação com os demais” (BRAIT, 2012, p.11), ou seja, o significado de cada conceito é construído em relação aos outros conceitos mais do que isoladamente. Um dos seus pontos fundamentais seria “não aplicar conceitos a fim de compreender um discurso, mas deixar que os discursos revelem sua forma de produzir sentido, a partir de ponto de vista dialógico” (BRAIT, 2010, p. 24).

O diálogo é o ponto central a partir do qual o pensamento do grupo se expande, a construção do vínculo entre o “eu” e o “outro”, base para a concepção dialógica da linguagem, na qual sujeitos, linguagem e situação de produção estão fortemente relacionados. Subjacente a todos os conceitos desenvolvidos, está uma visão de conhecimento como fruto de uma postura ética e responsável. “A pertinência de uma perspectiva dialógica se dá pela análise das especificidades discursivas constitutivas de situações em que a linguagem e determinadas atividades se interpenetram e se interdefinem, e do compromisso ético do pesquisador com o objeto, que, dessa perspectiva, é um sujeito histórico” (BRAIT, 2010, p. 29).

No capítulo “A interação verbal”, Bakhtin e Volochinov afirmam que a comunicação verbal

não poderá ser compreendida à parte do vínculo com a situação concreta. “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” ((BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p.128). A consciência individual é constituída no meio social, por meio de conteúdos sógnicos adquiridos na interação verbal. O signo é a materialização da comunicação. Ele adquire novos sentidos no plano interior a partir dos sentidos da situação social imediata e ampla. “A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, [1929] 2010, p. 36).

É possível aproximar essas reflexões sobre linguagem e sociedade do pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu, para quem os condicionamentos materiais e simbólicos agem sobre a sociedade em uma relação de interdependência. Na concepção de Bourdieu, as ideias são dependentes da sua condição de produção. Segundo ele, o que circula não é a língua, mas discursos estilisticamente caracterizados ao mesmo tempo pela produção e pela recepção, “as trocas linguísticas – relações de comunicação – são também relações de poder simbólico, em que se atualizam as relações de força entre os locutores ou seus respectivos grupos (BOURDIEU, 1983, p. 24-25)”.

Os esquemas de interpretação que os receptores põem em ação podem ser mais ou menos distanciados daqueles que orientaram sua produção. Assim, para entendermos as possibilidades abertas para decifração dos textos pelos receptores torna-se necessário inicialmente olhar para o enunciado que foi produzido e para as condições de sua produção.

Fundamentação teórica

Entre os conceitos que fundamentam o pensamento de Pierre Bourdieu estão campo e *habitus*. Campo é um domínio específico de ação social com regras determinadas, com valores, objetos e interesses específicos. O que determina a vida em um campo é a ação dos indivíduos e dos grupos, constituídos e constituintes das relações de força, que investem tempo, dinheiro e trabalho. As propriedades de um campo, além do *habitus* específico, são a estrutura, a opinião consensual, as leis que o regem e que regulam a luta pela dominação do campo. Aos interesses postos em jogo, Bourdieu denomina *capital* — no sentido dos bens econômicos, mas também do conjunto de bens culturais, sociais, simbólicos. Assim, organiza o conceito em três categorias: a) capital cultural, que compreende o conhecimento, as habilidades, as informações correspondentes ao conjunto de qualificações intelectuais produzidas e transmitidas pela família, e pelas instituições escolares, sob três formas: o estado incorporado, como disposição durável do corpo (por exemplo, a forma de se apresentar em público); o estado objetivo, como a posse de bens culturais (por exemplo, a posse de obras de arte); estado institucionalizado, sancionado pelas instituições, como os títulos acadêmicos; b) capital social, correspondente ao conjunto de acessos sociais, que compreende o relacionamento e a rede de contatos; c) o capital simbólico, correspondente ao conjunto de rituais de reconhecimento social, e que compreende o prestígio, a honra etc. O capital simbólico é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social).

Habitus é um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que leva o ser social a agir de determinada forma em uma circunstância dada. As disposições são as estruturas sociais internalizadas, rotinas corporais e mentais apreendidas, por meio de um processo do qual já não temos mais consciência e que se expressa por uma atitude “natural” de nos conduzirmos em um determinado meio. O *habitus* é, portanto, o produto da experiência biográfica individual, da experiência histórica coletiva e da interação entre essas experiências. Bourdieu adota o termo *agente* em vez de sujeito, pois os princípios geradores e organizadores das práticas e representações, das ações e pensamentos são tanto coletivos como individuais, na medida em que o coletivo está depositado no indivíduo sob a forma de estruturas mentais.

Hermano Thiry-Cherques no artigo *Bourdieu: a teoria na prática* (2006) apresenta assim o método do sociólogo:

Deriva do princípio de que a dinâmica social se dá no interior de um *campo*, um segmento do social, cujos agentes, indivíduos e grupos têm disposições específicas, a que ele

denomina *habitus*. O campo é delimitado pelos valores ou formas de *capital* que lhe dão sustentação. A dinâmica social no interior de cada campo é regida pelas lutas em que os agentes procuram manter ou alterar as relações de força e a distribuição das formas de capital específico. Nessas lutas são levadas a efeito estratégias não conscientes, que se fundam no *habitus* individual e dos grupos em conflito. Os determinantes das condutas individual e coletiva são as posições particulares de todo agente na estrutura de relações. De forma que, em cada *campo*, o *habitus*, socialmente constituído por embates entre indivíduos e grupos, determina as posições e o conjunto de posições determina o *habitus* (THIRY-CHERQHES, 2006, p.31).

O direito de entrada no campo é dado pelo reconhecimento dos seus valores fundamentais, pelo conhecimento das regras do jogo, isto é, da história do campo, e pela posse do capital específico. Em todo campo, a distribuição de capital é desigual, o que implica conflitos, em que indivíduos e grupos dominantes procuram defender seus privilégios; há dinâmicas de concorrência e dominação, derivadas das estratégias de conservação ou subversão das estruturas sociais. Todo campo, portanto, possui conflitos com os agentes que o dominam, que monopolizam o capital específico do campo. A dominação é, em geral, sutil, baseada em uma violência simbólica que é julgada legítima dentro de cada campo. As formas de preservação da dominação são:

a conservação das formas de capital; o investimento com vistas à sua reprodução; a sucessão, com vistas à manutenção das heranças e ao ingresso nas camadas dominantes; a educação, com os mesmos propósitos; a acumulação, econômica, mas, também, social (matrimônios), cultural (estilo, bens, títulos) e, principalmente, simbólica (status) (THIRY-CHERQHES, 2006, p.39).

A linguagem pode ser situada como capital cultural, mas também possui papel simbólico e possibilita o capital social. Os usos sociais da língua são determinados pelo fato de ela se organizar em sistemas de diferenças que traduzem as diferenças sociais.

No princípio do sentido objetivo que se engendra na circulação linguística, há primeiramente o valor distintivo, que resulta do relacionamento operado pelos locutores, consciente ou inconscientemente, entre o produto linguístico oferecido e os produtos simultaneamente propostos num espaço social determinado (BOURDIEU, 1983, p. 24).

Para Bourdieu, as estratégias destinadas a modificar a língua são comandadas em sua lógica e em seus fins pela própria estrutura, através da posição nessa estrutura daquele que delas se vale.

A relação *infraestrutura–superestrutura* na obra do Círculo está presente nas obras de Medviédev, *O método formal nos estudos literários* (2012[1928]), e de Voloshinóv, *Marxismo e filosofia da linguagem* (2002[1929]). Segundo Medviédev, essa intersecção não compreende uma relação direta, em que a superestrutura seja um reflexo direto da infraestrutura:

Os marxistas frequentemente subestimam a união concreta, a singularidade e a importância do meio ideológico e passam apressados demais e de maneira imediata do fenômeno ideológico isolado às condições do meio socioeconômico de produção. Nesse caso, perde-se de vista o fato de que o fenômeno isolado é somente parte dependente do meio ideológico concreto e é determinado de forma direta por ele de modo mais imediato. Pensar que as obras particulares e separadas da união do mundo ideológico sejam determinadas,

em seu isolamento, de forma direta por fatores econômicos é tão ingênuo quanto considerar que uma rima ajusta-se com outra rima e uma estrofe com outra dentro dos limites de um poema sob o efeito da ação imediata da causalidade econômica (MÉDVIÉDEV, 2012[1928], p. 57-58).

Volochinov no capítulo “Relação entre a infraestrutura e as superestruturas” de *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929) aponta para a necessidade de se considerar as especificidades e a influência recíproca das diferentes esferas ideológicas, nas quais, sob a ação de diferentes mediações, refletem-se e refratam-se os condicionamentos da infraestrutura. Considerar apenas a noção de *reflexo* significa pensar a ideologia como uma expressão, mais ou menos direta, das relações de produção; já refração implica a tomada de direções diferentes daquelas projetadas pela materialidade da infraestrutura.

Inseridos em práticas de diferentes esferas de atividade e de comunicação, signos e enunciados concretos constituem, espaços discursivos em que as negociações, os embates e, conseqüentemente, a correlação das forças em disputa na existência social material se projetam. O signo e o enunciado são marcados pelo conflito, posto que a realidade material que neles se manifesta é o resultado dialético de um processo de contradições e antagonismos.

Assim, mudanças na organização social e material dos indivíduos serão sentidas nos signos em circulação. O caminho para esse trabalho de compreensão dos processos de determinação do signo pela realidade material não se encontra pronto. Trata-se de uma construção, para a qual Volochinov sugere alguns passos, algumas “regras metodológicas” (p. 44). Em primeiro lugar, “*não separar a ideologia da realidade material do signo*” (p. 44), situando-a, como faz o subjetivismo idealista, no plano da consciência individual ou em “qualquer outra esfera fugidia e indefinível” (p. 44). Em segundo lugar, “*não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social*” (p. 44), ou seja, não deixar de considerá-lo no interior de um sistema de comunicação histórica e socialmente situado, fora do qual o signo não passa de um objeto físico. Em terceiro lugar, é indispensável “*não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infraestrutura)*” (p. 44).

Nessa concepção de linguagem, a palavra adquire importância fundamental:

ela será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar um forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (VOLOCHINOV, 2002[1929], p. 41).

Sentidos da palavra *ocupação*

Observando-se a natureza ideológica dos signos em circulação na sociedade, nos quais, conforme propõe a concepção dialógica de linguagem formulada pelo Círculo, refletem-se [reproduzem-se signos que reforçam ideologias predominantes] e refratam-se [reproduzem-se signos que desviam das ideologias predominantes], sob o efeito de diversas mediações, os embates fundamentais da existência social material, a palavra *ocupação* pode ser vista como um exemplo das cadeias de significação que ligam as determinações da infraestrutura às formas de atribuir sentidos à realidade.

No dicionário *Caldas Aulete Online*, são apresentados os seguintes significados para a palavra *ocupação*¹: ação ou resultado de ocupar-se; atividade, trabalho; função ou cargo; tomada de posse

1 Dicionário Caldas Aulete online: <http://www.aulete.com.br/ocupar%C3%A7%C3%A3o>

ou invasão de um lugar. No *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* online, o vocábulo *ocupação*² possui os significados de ato de apoderar-se de algo ou invadir uma propriedade ou posse; ato de trabalhar em algo; o próprio trabalho a ser executado ou que se executou; atividade, serviço ou trabalho principal da vida de uma pessoa; modo de aquisição da propriedade de coisa móvel sem dono ou abandonada; apropriação.

A *Wikipedia*³ acrescenta significados ligados a diferentes formas de conflitos sociais: o de ocupação militar, associado à invasão de um território de um Estado por um país estrangeiro; e o de ocupação de bens imóveis, explicada na página da internet como invasão de imóveis públicos ou privados, urbanos e rurais, geralmente realizada por grupos organizados de trabalhadores sem-teto e sem-terra.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), fundado em 1984, foi o primeiro movimento social brasileiro a adotar o termo, cuja função é nomear a ocupação de terras improdutivas com vistas a pressionar o governo a realizar a reforma agrária, a mais importante forma de luta do movimento. Segundo o site do MST, a ocupação gera um fato político que demanda uma resposta do governo sobre a concentração de terras no país. Há também a ocupação de prédios públicos com o intuito de chamar a atenção determinadas reivindicações. Ao lado dessas ações, há as marchas, os acampamentos ao lado de terras improdutivas e acampamentos em frente a bancos e nas cidades, as vigílias e as greves de fome.

Na página do Movimento dos Trabalhadores sem Teto⁴ (MTST), a palavra *ocupação* está vinculada a uma das estratégias de ação da luta pela Reforma Urbana:

As formas de atuação do MTST estão centradas na luta direta contra nossos inimigos. Isto é importante porque nos diferencia da maioria dos movimentos urbanos, que optaram por focar suas ações na participação institucional: negociações de projetos com o Estado, participação em Conselhos e parcerias com os governos. Embora, o MTST também saiba negociar, para nós esta parte do processo está sempre em função das mobilizações e ações diretas de pressão. Nossa forma de ação mais importante são as ocupações de terras urbanas. Com elas pressionamos diretamente os proprietários e o Estado, denunciando o problema social da moradia e construimos um processo de organização autônoma dos trabalhadores. As ocupações são sempre acompanhadas de uma pressão focada nos órgãos do Estado, com marchas e ocupações de prédios públicos.

A palavra aparece, ainda, relacionada à esfera artística, para nomear as ocupações artísticas. Na página *Wikidanca.net*⁵, a origem da ocupação artística é associada aos movimentos dos situacionistas nos anos 1960, artistas que desenvolveram práticas para compreender os efeitos do meio ambiente sobre o comportamento afetivo e os sistemas perceptivo e cognitivo dos indivíduos. Os autores explicam que a *ocupação*, nas artes, está associada a uma moradia temporária, em um período de tempo determinado, em que um artista ou um coletivo de artistas está presente em um local, que pode ser teatro, galeria, espaço cultural ou um espaço que originalmente não era destinado ao uso cultural como fábrica, casa ou prédio comercial ou residencial. O que importa é ocupar, no sentido de preencher ou estar, com arte.

A ocupação artística tem também um perfil de ação política, pois pode ser uma proposta de contestar o papel das instituições e políticas culturais, ao ativar espaços desocupados, propor atividades mais flexíveis e acessíveis, em formatos de projetos ou propostas pontuais. Vejamos

2 Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=ocupa%25C3%25A7%25C3%25A3o>

3 Wikipedia: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Ocupa%C3%A7%C3%A3o>

4 Movimento dos Trabalhadores sem Teto. Disponível em: <http://www.mtst.org/quem-somos/as-linhas-politicas-do-mtst/>

5 Wikidança.net. Disponível em: http://www.wikidanca.net/wiki/index.php/Ocupa%C3%A7%C3%A3o_art%C3%ADstica
Instituto Cultural Itaú: <http://www.itaucultural.org.br/>

alguns exemplos: noticiada pelo jornal *Brasil de Fato*⁶, a galeria feita em uma casa abandonada pelo grafiteiro Roberto Vaz, em São Paulo, é um exemplo de ocupação. A ocupação artística Canhoba, organizada por coletivos artísticos, reivindica transformar um prédio abandonado de Perus em centro cultural⁷. Na Rua da Consolação, um prédio do INSS⁸, abandonado há 8 anos, foi ocupado por um coletivo artístico formado por 80 pessoas, que organizam atividades, como ateliês compartilhados por artistas que trabalham com linguagens diferentes.

O termo *ocupação*, atualmente, adquiriu novos sentidos e apropriações, sendo utilizado por instituições culturais públicas e privadas, como na exposição artística coletiva no Sesi-SP, chamada de ocupação por estar presente em diversos espaços da instituição⁹. Outro exemplo foram as apresentações do grupo de teatro infantil Cia Truks nas bibliotecas públicas¹⁰ de São Paulo, chamadas de ocupação artística.

É possível, portanto, observar dois grupos distintos de significação da palavra *ocupação*:

- a) *ocupação* vinculada a trabalho;
- b) *ocupação* como invasão de um espaço para domínio territorial.

Esse segundo significado, cuja origem é militar – a ocupação do território de um país pelo Exército de outro país – foi ampliado quando empregado para denominar a ação de ocupação de espaço pertencente a outro indivíduo, grupo ou instituição por trabalhadores organizados para pressionar por distribuição de terra, na área rural, e de moradia, na área urbana, que por sua vez foi adotado pelos estudantes secundaristas como ação para protestar contra a redistribuição de escolas públicas em 2015 e também está vinculado à tomada de um espaço que possuía funções diferentes para atividades culturais.

A cobertura jornalística da ocupação da universidade

Nas notícias coletadas entre maio e junho de 2016, verificou-se o emprego do vocábulo *ocupação* para informar sobre a paralisação da Universidade de São Paulo inicialmente pelos estudantes, depois pelos funcionários e, por fim, pelos professores.

Data de publicação	Veículo	Agentes	Sentido ocupação trabalho	Agentes	Sentido ocupação espaço
12/5	Uol	funcionários	decidiram entrar em greve por tempo indeterminado	estudantes [nota pública e DCE] assembleia	ocupam do prédio de Letras da FFLCH deliberou greve
14/5	A tarde	funcionários	também estão paralisados	estudantes [estudante Gabiru Campos]	invadiram o prédio da universidade do curso de Letras entraram em greve em apoio aos funcionários

6 Brasil de Fato. Disponível em: <http://antigo.brasildefato.com.br/node/9933>. 26/6/2012

7 Ocupação Artística Canhoba. Disponível em: <https://www.facebook.com/ocupacaoartisticacanhoba/>.

8 Rede TVT. Ocupação artística transforma ociosidade em cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fcot9ctZtoU>

9 Sesi-Sp. Ocupação artística. Disponível em: <http://www.sesisp.org.br/cultura/ocupacao-artistica-sesi-sp.htm>

10 Prefeitura de São Paulo. Bibliotecas. Disponível em: <http://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/projeto/803/>

19/5	G1	funcionários	declararam greve	estudantes	ocupam prédios da Eca, História e Geografia, Letras realizam atividades como debates, discussões e saraus
24/5	Folha de S.Paulo	professores	decidiram entrar em greve rejeitaram proposta de reajuste de 3%		

O campo da educação compreende a formação superior, que se fundamenta nas atividades de ensino, pesquisa e divulgação do conhecimento produzido por alunos e professores. Como Bourdieu indica, a vida em um campo é produto da ação das relações de força dos indivíduos e dos grupos que o constituem. Na Universidade de São Paulo, os agentes são muitos: o reitor, o vice-reitor, quatro pró-reitores (Cultura e Extensão, Graduação, Pós-graduação, Pesquisa), presidente da Agência USP de Cooperação Acadêmica, Procurador Geral, Secretário Geral, Coordenador da Administração Geral, Superintendentes de Assistência Social, Comunicação Social, Espaço Físico, Gestão Ambiental, Jurídico, Relações Institucionais, Saúde, Tecnologia da Informação, Prevenção e Proteção. Os espaços acadêmicos da universidade são organizados em Escolas, Faculdades e Institutos. Cada um deles tem a seguinte estrutura: Direção, Vice-Direção, Secretaria, equipes de Assistência Acadêmica, Administrativa, Financeira, Editoração, Informática, Comunicação Social, Biblioteca e os Departamentos, organizados em Chefia e Suplência e docentes. E, de outro lado, os alunos, segundo o anuário estatístico de 2014 publicado na página da USP, ao todo 59.070 em sete campi: São Paulo, Ribeirão Preto, Bauru, São Carlos, Piracicaba, Pirassununga e Lorena.

A Universidade de São Paulo foi recentemente identificada como a melhor universidade da América Latina¹¹ nos critérios de reputação acadêmica, reputação entre empregadores, proporção professor/aluno, citações por artigo científico, quantidade de docentes com doutorado e presença online da instituição. Essa avaliação demonstra que a universidade é reconhecida publicamente pela competência dos agentes que dela participam. De acordo com o conceito de capital, a USP possui capital cultural vinculado à produção do conhecimento em áreas importantes da educação superior. Além disso, seu capital social, que corresponde os relacionamento e a rede de contatos, ao aval pelo estado institucionalizado, como instituições de fomento à pesquisa, outras universidades do país e internacionais, consultorias requisitadas a seus professores e pesquisadores.

Tais parâmetros de avaliação não consideram, entretanto, as condições materiais e trabalhistas que os professores, funcionários e alunos vivenciam cotidianamente. É preciso observar que os investimentos são distribuídos desigualmente entre faculdades e departamentos. Ainda que a universidade tenha sido bem-sucedida no critério proporção professor/aluno, essa é uma das principais reivindicações dos estudantes de Letras, que denunciam falta de professores e salas superlotadas (Uol), em consequência houve corte de disciplinas na graduação e na pós-graduação (A tarde). Outra demanda é a implantação de cotas raciais e sociais para ampliar o acesso à universidade (Uol), bem como políticas de permanência¹² desses alunos (A tarde). Além disso, os estudantes apoiam a manutenção de um espaço físico permanente para o Sindicato dos Trabalhadores da USP e a permanência do Hospital Universitário vinculado à universidade (Uol). O portal G1 teve acesso a comunicado de estudantes da Eca (Escola de comunicação e Artes) como fonte, que expressam opinião contra a ameaça de despejo da sede do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP) pela reitoria, contra a proibição de festas, contra o governo de Michel Temer e pela retirada das sindicâncias de membros do Centro Acadêmico Lupe Cotrim.

¹¹ Jornal do Brasil. Brasil tem 4 universidades no top 10... Disponível em: http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2016/07/16/brasil-tem-4-universidades-no-top-10-das-300-melhores-da-america-latina/?from_rss=rio

¹² Moradia, alimentação, transporte, saúde, bolsas de pesquisa e tutoria.

Os funcionários reivindicam reajuste salarial de 12,8% e a manutenção do espaço físico do Sintusp (Uol). O portal G1 esclarece outras solicitações dos funcionários que protestam contra o chamado desmonte da universidade, fechamento das creches para filhos de funcionários e estudantes, terceirização dos bandejões, intenção de acabar com o regime de dedicação exclusiva dos professores e degradação dos hospitais, entre outras causas. O Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP) pede também, junto a funcionários da Unicamp e da Unesp, reajuste da remuneração de acordo com a inflação pelo Dieese, mais 3% , cerca de 12,84% no total.

Esses fatos levam à conclusão de que há outros agentes envolvidos na organização, gestão e funcionamento da universidade, cujos interesses entram em conflito com os de estudantes, funcionários e docentes, que dela participam diretamente e que usam a paralisação das atividades no espaço como ação política. Os alunos organizados na ocupação identificam contradições nas ações do reitor Marco Antônio Zago, que alegou uma crise orçamentária, sem esclarecer suas causas, para não realizar a contratação de docentes e funcionários (Uol). A proposta do Cruesp (Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas) foi um reajuste total de 3% (G1), abaixo da inflação. Em 24/5/2016, foi noticiado pela Folha de S. Paulo que um novo parecer da instituição considerou “inviável” conceder até mesmo esse índice de aumento salarial acenado inicialmente, devido à crise financeira na USP, a qual não foi devidamente esclarecida publicamente.

Selecionei também a notícia do blog *Abecedário, universidades, escolas e rankings* de que há um movimento de estudantes nas três grandes universidades públicas paulistas, USP, Unicamp e Unesp, que se posiciona contra as paralisações. Nela, um estudante do campus da USP de Ribeirão Preto afirma: “Estamos lutando pela liberdade de expressão frente à esquerda que apoia as paralisações por ideologia”. Essa declaração mostra que esse movimento, intitulado Universidade Livre, se coloca à parte das questões e das necessidades para funcionamento da universidade, assumindo como justificativa para essa posição a negação à ideologia de esquerda, como se sua própria posição não fosse ideológica também, e a afirmação de que a paralisação retira dos outros estudantes o direito de ter aulas e realizar as atividades no espaço ocupado.

Na página do Facebook do grupo Movimento Unicamp Livre, há um *post* de 26/4/2016 em que o grupo justifica seu posicionamento contrário à ocupação pelo DCE (Diretório Central de Estudantes) por não se sentir representado e discordar da associação entre política e vida acadêmica. No entanto, no mesmo texto, declaram entender que não houve golpe contra a presidente Dilma Rousseff, pois o processo de impeachment é legal, além de serem favoráveis ao projeto de lei Escola sem Partido. O grupo USP Livre também possui página no Facebook, na qual se declaram contra o “aparelhamento partidário no movimento estudantil”. No *post* de 20/7/2016, em que noticiam o fim da greve dos funcionários, expressam as seguintes ideias:

GRANDE VITÓRIA: GREVE DOS FUNCIONÁRIOS TERMINOU!

Após 70 dias de mamata e parasitismo do contribuinte do ICMS paulista, massacre da mídia promovido por nós e decisão do TRT pela legalidade do corte de ponto, foi deliberado em assembleia que a greve acabaria e as atividades foram retomadas hoje(19/07/2016).

É bem fácil notar o quanto é cara de pau esse sindicato, só ter corte de ponto que eles encerram a greve, ou seja, arregaram. Quem alega isso é o diretor do SINTUSP, Aníbal Cavali, técnico contábil que ganha R\$9.069,19/mês e ainda faz greve. Em outros anos, greve era apenas férias sem consentimento da sociedade e da USP. Nós, da USP Livre, chegamos aqui para mudar tudo e já está fazendo efeito!

Eis o resultado: -Desocuparam a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas(FFLCH).

-Despiketaram o Instituto de Física(IF).

-Diretório Central dos Estudantes(DCE) e seus lacaios sindicais, o SINTUSP, foram completamente destruídos pela imprensa.

-Não teve aumento no salário dos crápulas concursados.

-Não conseguiram impor cotas em todas unidades da USP.

Nós somos a maioria, não é o DCE ou SINTUSP que representam os alunos! Universidade é lugar de produzir, não de baderna. Agora é questão de tempo para que os “Estudantes” do DCE também arreguem!

Conclusão

As publicações nos jornais sobre os acontecimentos relativos às demandas de estudantes, professores e funcionários apresentam o emprego da palavra ocupação pelos jornalistas para se referir aos estudantes como agentes da ação de ocupar, no sentido de invadir uma propriedade. No entanto, o que os estudantes fazem ao ocupar é paralisar as atividades preestabelecidas, relativas aos usos que os agentes das respectivas faculdades realizam naquele espaço para tornar pública a situação precária da universidade, o que inclui defender aspectos importantes para a melhoria das condições de trabalho de funcionários e professores. Os estudantes entrevistados nas notícias eram das faculdades de Comunicação e Artes, História, Geografia e Letras. Observe-se que os demais cursos não tiveram suas ações e posições noticiadas. Os outros agentes envolvidos, funcionários e professores, foram noticiados por meio de documentos públicos como declarações de greve e suas demandas são essencialmente trabalhistas.

As notícias ajudam a construir o capital simbólico da USP, o conjunto de rituais de reconhecimento social, que compreende o prestígio e a honra, o qual é uma síntese dos demais (cultural, econômico e social). A impressão construída pelo leitor é que os três grupos não interagem entre si, ainda que estudantes incorporem algumas solicitações que envolvem funcionários e professores, o capital simbólico é distribuído desigualmente entre os agentes. A reitoria e o conselho de reitores das universidades paulistas apresentam pontos de vista semelhantes, identificados apenas com o financiamento e orçamento, sem oferecer os esclarecimentos necessários ao público leitor dos jornais nem aos agentes da comunidade acadêmica que reivindicam ações e posicionamentos. Ou seja, não se dispõem ao diálogo transparente.

Há um descompasso entre a imagem que a USP possui no âmbito acadêmico nacional e internacional e a construção para o grande público feita pelos jornais brasileiros. Percebe-se o prestígio de um lado, baseado na produção científica, e por outro o desprestígio desse mesmo conhecimento científico na medida em que ele é reduzido a verbas e gastos pelos agentes responsáveis pela gestão, os quais não são investigados e questionados pelos jornalistas dos cinco veículos que compuseram o corpus. Há também a voz dissonante dos estudantes que se intitulam não ideológicos e reduzem a importância das necessidades apontadas pelos grupos de estudantes que ocuparam as universidades, como se eles não participassem do mesmo campo/espaço.

A ação de ocupar construída nos jornais se opõe às ações que são exercidas nas atividades corriqueiras: aulas, pesquisa, reuniões, palestras. A notícia do portal G1 foi a única a citar uma estudante que esclarece haver atividades relacionadas aos temas estudados nos cursos das faculdades durante a ocupação:

Desde o dia 11 de maio, o prédio da Letras, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), está ocupado – principalmente por estudantes mulheres. “A gente segue forte”, afirma uma das alunas, que preferiu não ser citada nominalmente. “Recebemos apoio externo e dos trabalhadores. Estamos fazendo atividades como aulas públicas, debates. A gente não está lá parado, é bem organizado”, conta. (G1)

Sendo assim, o capital simbólico vinculado aos estudantes da Universidade de São Paulo construído pelos jornais está associado ao sentido de oposição ao uso regular do espaço, portanto opõe a ação regular dos agentes no espaço cuja função é o trabalho à ocupação pelos estudantes, cuja função é interromper o trabalho, ou seja, dar espaço ao ócio. A relação entre trabalho e estudo é tradicionalmente polêmica, na medida em que o estudo e o ensino nem sempre são percebidos como trabalho e remunerados com o devido valor. Como se trabalho é o que se realiza após a formação na universidade. Por outro lado, a medida da realização das atividades acadêmicas é a produtividade: a quantidade de artigos publicados em revistas acadêmicas, a quantidade de citação em artigos, a quantidade de participação em bancas, a quantidade de participação em congressos, palestras e debates, a participação na mídia.

Na maioria das notícias em que o veículo deu espaço aos estudantes e às suas reivindicações a posição da reitoria foi o contraponto que apresenta o custo financeiro como única justificativa:

Em nota, a USP afirmou que a greve é “preventiva”, já que as negociações salariais ainda não terminaram. E disse “confiar que a maioria da comunidade universitária não vai aceitar isso passivamente”. A universidade não comentou a ocupação do prédio da Faculdade de Letras.(A Tarde)

As declarações oficiais da reitoria não respondem [nem foram pressionados a fazê-lo pelos jornalistas] às demandas dos demais agentes que compõem o campo da universidade:

Há anos, nossas salas de aulas estão superlotadas pela falta de professores e isso se agrava a cada dia”, afirmaram os estudantes em nota. “A Reitoria de Marco Antônio Zago, alegando uma crise orçamentária cujas razões ninguém sabe (já que a transparência real nunca existiu em nossa universidade), congelou a contratação de docentes e funcionários”.

Os estudantes protestam contra os cortes na educação e reivindicam a contratação de professores e implantação de cotas raciais. Além disso, querem a manutenção do espaço físico do Sintusp (Sindicato dos Trabalhadores da USP) e a permanência do Hospital Universitário vinculado à universidade.(Uol Educação)

Referências

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 14ª ed. São Paulo: Hucitec, 2010 [1929], pp. 31-132.

BOURDIEU. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: Edusp, 1983.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica. In: BRAIT, Beth; SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, pp. 9-29.

DICIONÁRIO Caldas Aulete digital. Disponibilidade: <http://www.aulete.com.br/ocupa%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 15 jun 2016

GRANDE DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=ocupa%25C3%25A7%25C3%25A3o> Acesso em: 15 jun 2016

G1 **Estudantes da Usp ocupam prédios da Eca** Portal G1 19 maio 2016 Disponibilidade: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/05/estudantes-da-usp-ocupam-predios-da-eca-historia-e-geografia.html> Acesso em: 15 jun 2016

GRILLO, S. V. C. **Gêneros primários e gêneros secundários no círculo de Bakhtin: implicações para a divulgação científica**. *Alfa* (ILCSE/UNESP), v. 52, p. 57-79, 2008.

JORNAL DO BRASIL. **Brasil tem 4 universidades no top 10...** Rio de Janeiro 16 jul 2016 Disponibilidade: http://www.jb.com.br/ciencia-e-tecnologia/noticias/2016/07/16/brasil-tem-4-universidades-no-top-10-das-300-melhores-da-america-latina/?from_rss=rio Acesso em: 17 jul 2016

MOVIMENTO Unicamp Livre. Disponibilidade: <https://www.facebook.com/unicamplivre/posts/780791632057173> Acesso em: 15 jun 2016

MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários – Introdução crítica a uma poética sociológica**. [1928] Trad. Ekaterina V. Américo e Sheila C. Grillo. São Paulo: Contexto, 2012.

THIRY-CHERQUES, H. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática**. Rev. Adm. Pública [online]. 2006, vol.40, n.1, pp.27-53. Disponibilidade: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-76122006000100003> Acesso em: 15 jun 2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP. **Anuário 2014**. São Paulo, 2014. Disponibilidade: <https://uspdigital.usp.br/anuario/AnuarioControle> Acesso em: 15 jun 2016

UOL Educação. **Estudantes ocupam prédio da FFLCH**. São Paulo 15 mai 2016. Disponibilidade: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2016/05/12/estudantes-ocupam-predio-da-fflch-na-usp.htm> Acesso em: 15 jun 2016

USP Livre. Disponibilidade: <https://www.facebook.com/LivreUSP/> Acesso em: 11 jun 2016

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem** [1929]. Publicado sob o nome de M. Bakhtin (Volochinov). Tradução do francês de Michel Lahud e outros. 9. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002.

VASSALLO, L. **Ocupação artística, alternativa à elitização da arte**. Brasil de Fato. 2 jul 2012 Disponibilidade: <http://antigo.brasildefato.com.br/node/9933>. Acesso em: 15 jun 2016

A TARDE. **Estudantes ocupam prédio da USP; funcionários estão em greve** Salvador 14 mai 2016 Agência Estado Disponibilidade: <http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1770714-estudantes-ocupam-predio-da-usp-funcionarios-estao-em-greve> Acesso em: 17 jun 2016.

Recebido em 31 de outubro de 2016.
Aprovado em 23 de novembro de 2016.